

47

17
18

BOAS FESTAS

PARA MANDAR AOS AMIGOS.

Representaõ-se as esquipaçoens, que acontecem nestes dáres, e tomares :

- Bengala no lombo do Author :
- Ponta de prégo na palma da mão :
- Tombo de escada em todo o Corpo :
- Capa rasgada de alto a baixo :
- Cama de calçada :
- Marrada de porta :
- Boleos no regato, que desce por quebra-costas :
- Perda de barrete, e çapato :
- Espinhos em pé descalço :
- Raspadura de taboa pelas canellas :
- Canellada : capote furtado.

E o mais que for soar á em Oitavas Portuguezas, cantadas em estilo de cégo ; isto he em ordem a tirar esmola para Pantaliaõ Sigano.

L I S B O A ,

Na Offic. de FRANCISCO BORGES DE SOUSA.

Ánno de M.DCC.LXXXIV.

Com licença da Real Meza Censoria.

BOAS FESTAS.

I.

Dia de S Thomé do infeliz anno,
 Que toff i de novato os vis castigôs,
 Severo me intimou o Veterano,
 Que desse as boas festas aos amigos;
 Que senão cumprisse o Soberano
 Mandado, incorreria nos perigos
 Da roliça bângala, que era aquella,
 Com que já me quebrara huma costella.

II.

Como na minha terra não havia
 Este costume ou vaõ, ou lisonjeiro.
 Imaginei, que o dar festas seria
 Dar cousa em que gastaſſe algum dinheiro:
 E mais, quando o velhaco me fazia
 Mandar em cada mez ao pasteleiro;
 E huma vez que eu não quiz dar da mezada,
 Me deu elle, mas foi muita pancada.

III.

Do modo, que costuma ser o gato
 De Algalia com açoutes offendido,
 A fim de ministrar para o olfato
 De seu Senhor o aroma appeteci do;
 Fui eu tambem no tempo de novato
 Com a grossa bengala sacudido,
 Quando o meu veterano imperteinente
 Andava com o cheiro em pastel quente.

Isso mesmo receava eu na tal hõra ;
 Das festas , e augmentava-se o receio
 Porque andava à piranga como agora ,
 Que não tenho de meu real , e meio :
 Temi , triste de mim ? Como se fora
 O dit' Veterano Ladrão feito ,
 E eu pobre miseravel , que encontrando
 O Ladrão , senão deixa , vai levando .

V.

Mas a vibora horrenda , donde vinha
 Veneno , com que eu tanto delmaiaffe ,
 Deu tambem a triaga , que convinha ,
 Para que novamente me animasse :
 Explicou (digo) o modo , que se tinha
 Em dar festas ; e se elle não jurasse ,
 Que era verdade , quanto tinha dito ,
 Jurára eu , que era péfa aquelle rito .

VI.

Veio o dia do Santo Nascimento ,
 E depois , que jantei dous ovos fritos !
 Assignei o meu nome por hum cento
 De retalhos de quatro sobrefritos :
 Cuidei em dar á Salla o ornamento ,
 Aqual tendo já annos infinitos ,
 Entendo , que em idade tão comprida
 Não se vio nas limpezas de varrida .

VII.

Tinha a Salla largueza accommodada ,
 Mas o tecto tão pouco levantado ,
 Que eu depois que dei muita cabeçada ,
 Costumei-me a andar sempre corcovado :
 No mesmo tecto havia humia manada
 De caruncho roendo no sóbrado .
 Com maior estampido , do que fõa
 Na ribeira das Nãos lá em Lisboa .

VIII.

Alli estende a aranha cortinados,
 Que tem taõ desmarcado comprimento,
 Que estando lá no tecto pendurados
 Varrem já com a ponta o pavimento:
 Alli moscas, e zangaõs enforcados
 Fazem batendo as azas tal concerto,
 Que quem quizer dançar hum minuete,
 Tem nas moscas, e zangaoens hum bom machete.

IX.

No sobrado, onde he já podre a madeira
 Os ratos com continuas mordeduras
 Alçapoens tem aberto de madeira,
 Que eu receio de andar nelle ás escuras:
 As paredes censuraõ, como asneira,
 Pelas bocas de muitas aberturas
 Habitar eu entre ellas no perigo
 De imi tar em morrer Thipeco antigo.

X.

O volitante pó está taõ vasto
 Naõ só nellas, porém em toda a Salla,
 Que quando vou, e venho, fica rasto,
 Se me animo alguns dias apassealla:
 Como se orna de pós, nunca fiz gosto
 Em comprar muitos trastes, para ornalla:
 De todos, quantos eraõ; sem fadiga
 Podia ser camello huma formiga.

XI.

Eraõ huma cadeira carunchoza
 Que por meio tostaõ comprei a adella,
 Taõ alejada, já, taõ lastimoza,
 Que he dor do coração assentar nella:
 Rangendo dá indicios de queixoza
 A qualquer que, sentando-se, a atropella,
 E torce-se com tanto dezencaixo,
 Que he o mesmo estar-lhe em cima, que ir a baixo:

XII.

XII.

Humma meza , a quem já annos compridos
 Separaraõ pedaço de pedaço ;
 Porém eu lhos conservo agora unidos
 Ligando-os muito bem com hum baraço ;
 E milagre he naõ serem já perdidos
 De todo ; porque hum dia profracação
 Lhe deo o fogo , e inda , hoje segoverna
 A meza desde antaõ sem humma perna

XIII.

Na festa do Natal , que tanto humano
 Hospede me buscava , naõ convinha
 Ter finalmente meza sem hum panno ,
 Mas eu (digo a verdade) naõ o tinha :
 Já hum cobertor velho castelhano
 Mevinha ao pensamento , já da minha
 Cama os lençois já ir-me de carreira
 A'calcada comprar sarapilheira.

XIV.

Porém no cobertor antigo havia
 Hum buraco taõ grande , e com tal arte ,
 Que nacircumferencia só teria
 Meio palmo de panno em toda a parte :
 E nos velhos lençois naõ poderia ,
 Qual era meio , ou pontas declarar-te ;
 Mas julgo , que lançadas bem as contas ;
 Ate o mesmo meio eraõ já pontas.

XV.

Com taõ grandes achaques , claro estava ,
 Naõ poderem servir ao meu em prego :
 Para sarapilheira me faltava ,
 E porque baila o caõ , e canta o cego :
 Já eu quaze do panno descuidava ,
 Que lancando os olhos a hum prego ,
 Vi o meu capote , e o deputo ,
 Para que fosse eu panno , ou substituto :

A iii

XVI.

XVI.

Naõ houve traste igual no Reino luzo ;
 Porque era do melhor burel ferrano
 Com forro todo azul ; que sem abuzo
 Fazia muito bem papel de panno ;
 Puz em fim o tinteiro do meu uzo ,
 O qual naõ via tinta havia hum anno ,
 E hu na bulla já velha , onde fizeffe
 Sua carta de nomes que quizeffe.

XVII.

Composta com taõ grande Magestade
 Meza , e Sala , faltava o meu arreo ,
 Para ir feito andador pela Cidade
 Jogar o antigo jogo do aqui veio :
 Calcei as meias de menor idade ,
 Que posto lhe faltava aquelle affeio
 Do ponto de París , naõ lhe faltava
 O ponto Portuguez , que eu nellas dava.

XVIII.

Calcei logo os çapatos que possuia
 Mais limpos ; mais perfeitos , mais aceados :
 Os quaes foraõ redondos algu n dia ,
 Porém já com o tempo eraõ cortados :
 Puz o meu cabeçoõ de mais valia ;
 Foi veludo mas já tinha arrancados
 Os pelos ; era a volta hum tanto preta ,
 Porém aiada mais branca que a baeta.

XIX.

Tomo a loba , que ás lobas mais compostas
 vencia por ser feita com tal arte ,
 Que sendo as mais abertas pelas costas ,
 Esta minha he aberta em toda a parte :
 Puz a capa , que a quantas vejo postas
 Levava por antiga o esta indrte :
 Tracei-a ao parecer couza baldada ;
 Porque ella já estava be n traçada.

XX.

Era tempo, em que estava bocejando,
 Para se erguer da festa o moço, e o velho
 Que costumaõ morrer em si jentando
 O que Jove pario por hum joelho:
 Já a sombra maior vinha baixando
 Do cachaço dos montes para o artelho,
 E fallando mais claro, e sem de moras
 Mais quarto, menos quarto eraõ tres horas.

XXI.

Neste tempo fahi, e tendo andado
 Breve espaço vi posto a huma janella
 Hum amigo de mim muito estimado,
 Que mal me vio de longe fugio della:
 Profegui para lá, mas affustado;
 Porque julgava em mim haver aquella
 Qualidade, letal de Basilisco
 E que o homem temeo na vista o risco.

XXII.

Chego, e pergunto ao moço, se seu amo
 Estava em casa? abana-me as orelhas:
 Mentos, (em altas vozes lhe reclamo)
 Senaõ, se elle fugio por entre as telhas:
 Não tem porta mais, que esta, onde eu o chamo:
 As paredes não faõ rotas, nem velhas
 A's vozes acudio o amo; e affirmava
 Que qualquer pelas festas se negava

XXIII.

Negaõ-se (Respondi a recebellas,
 E todos estaõ promptos para dallas?
 Isto he teima? huns estaõ a não querellas,
 Outros, queira, ou não queira, ha de levallas:
 Vem por ventura a alguem saude dellas
 Para que os obriguemos a aceitallas,
 Como faz o enfermeiro em perigozas,
 Queixas a quem não quer levar ventozas?

XXIV.

Aquelles que das festas dos vizinhos
 Se escondem reputando-as por molestas,
 Para que lhe vão lá comescritinhos
 Provocallos, que venhão dar-lhe festas?
 Eu desejo encontrar sempre caminhos
 Por onde acautellâr cousas infestas;
 E elles são taõ discretos, que fulminão
 Modos para alcançar o que abominaõ,

XXV.

O dar festas nasceo da chistandade
 Primitiva aggregando-se naspias.
 Festas para na doce sociedade
 Degolarem letais melancolias:
 E naõ diferentes são daquella idade
 As festas, que sedaõ nos nossos dias?
 Entaõ a sociedade era o modelo,
 Hoje daõ em jogar o escondo ourelo.

XXVI.

Tem razaõ, (disse o amigo) porém queira:
 Dignarse desta casa, que he gostoso
 O discurso, mas eu quero cadeira,
 Porque hum sermaõ de pé he trabalhoso.
 Só por importunallo a tarde inteira,
 Quiz aceitar a offerta caviloso;
 Mas veio outro festeiro áquellas horas,
 Que me poz á voz freio, e á marcha esporas.

XXVII.

Fui dar com outro amigo que assumiava
 Acabeça por huma gelozia;
 Elle mesmo me diz, que naõ estava
 Em casa: Eu perguntei, porque mentia?
 Respondeu-me que assim se costumava
 Nas festas: quando tal loucura ouvia,
 Saltou hum riso em mim de tais effeitos,
 Que naõ eu, mas a loba abriu dos peitos.

XXVIII.

XXVIII.

Basta (digo já serio) que nas festas
 Se costuma mentir? não ha engano:
 Antes era impossivel faltar nestas
 O mentir sendo prato quotidiano:
 Porém, se amigo meu te nao molestas,
 Aconcelho, que já que em todo o anno
 Mentas sem lei, sem honra, e sem piedade,
 Falia ao menos por festa huma verdade

XXIX.

Picou se o homem tanto do conselho,
 Que lançou logo mão de huma bangala;
 Fugi, porque, sendo elle amigo velho,
 Não lhe quiz dar a perda de quebralla:
 Porém fez-se podengo, e eu fiz-me coelho,
 E corria diante com tal galla,
 Que posto sacudir-me fortemente
 O pó, nunca me póde metter dente.

XXX.

Recolheu-se o maldito de cansado
 E eu já mais vagaroso me metia
 Por hum beco fugindo envergonhado
 Do povo, que acudio á montaria:
 Entrei por huma rua descancado;
 Ali hum meu amigo me occurria
 Recebendo de mim, e dando-as boas
 Felias pelas palavras Tabalio as.

XXXI.

Senhor agora venho de caminho
 De sua caza, (o maganaõ me disse)
 Lá estava defronte hum seu vezinho,
 E bem poderá ser que elle me visse:
 Intentava darlhe hum escritinho,
 Mas não achei por onde o introduzisse
 Eis-aqui amentira descuberta;
 Porque eu tinha deixado a porta aberta

XXXII.

XXXII.

E bem podia , posso que a fechasse ,
 Metter quanto papel há nos Britanos ;
 Pois há nella hum buraco , porque passe
 Em pé huma criança de tres annos :
 Mas porém , não obstante , que alcançasse ;
 Que o velhaco fallava com enganos ,
 Fingi ser a proposta verdadeira ;
 Porque inda me lembrava da carreira.

XXXIII.

Da mentira , com que este me enganava ,
 Vim eu a confirmar , que me dizia
 A verdade o outro amigo que affirmava ,
 Que nas festas por uzo se mentia :
 De total mentirozo eu o accusava ;
 Quando elle huma verdade proferia :
 Mostra ser homem bom pois offendi-o
 Honrou-me , facudindo-me o vestido.

XXXIV.

Voltando-me porém ao mentiroso
 Que disse me buscou , assim lhe fallo :
 Pois saiba , meu Senhor , que estou queixoso
 Em ser occasião de molestarlo
 Não Senhor , respondeo o cauteloso)
 Eu não tomo molestia em procurallo
 Quem duvida não indo elle buscar-me ,
 Que não toma molestia em procurar-me?

XXXV.

Eu farei (continua impertinente)
 A minha obrigaçã , como he devido ,
 Indo huma , e muitas vezes reverente
 A seus pés como servo mais rendido
 Eu o dou (respondi já mal contente)
 De tal obrigaçã por eximido ;
 Porque a não tem : e a mim se me persuade ,
 Que a temos de fallar sempre verdade

XXXVI.

XXXVI.

Mal a proposição foi proferida ,
 O tratante mudou a cor do rosto :
 Donde foi para mim coufa sabida ,
 Que o homem percebeo nella hum supposto :
 Tratei de lhe dar logo a despedida ,
 Temendo mo negasse descomposto ,
 Que depois , que prouvei bangala nova ,
 Não ouzava metter-me em outra prova.

XXXVII.

Gastei a tarde , ás vezes assignando
 Papeis sem ser Ministro ; e nraiz me enfada ,
 Andar com tal cuidado despachando ,
 E ver que sempre foi de assignar nada :
 Outras vezes andava excogitando ,
 Para o escrito aonde a porta está furada ,
 Sentindo entre fadigas tão molestas ,
 Ver-me posto por portas com as festas.

XXXIII.

Era tempo em que Phebo mergulhava
 Seu bigode dourado em agoa fria ,
 E a Thetis sua Mãi rindo contava ,
 Quanto me aconteceu naquelle dia :
 Tempo , em que Tritão negro acomodava
 Piroeis , E thon , e os mais na estrebaria ,
 E dos montes sahia a noite preta
 Com a longa mantilha de baeta.

XXXIX.

Então para pôr termo ao meu emprego
 Das festas , fui bater na ultima escada ,
 E como via mal , feri hum prégo ,
 Que estava com a ponta levantada :
 Ninguem fallou , subi , e o escrito entrego
 A huma greta da porta ; e á retirada
 Vim dançando de sima , com tal pressa
 Que a cabeça foi pés , e os pés cabeça.

XL.

Já li de certo Medico que tinha
 O cristalino humor de tal maneira
 Perverso, que, os que via andar convinha,
 Que andavaõ pello chaõ com a caveira :
 O que illuzãõ naquellas, foi na minha
 Cabeça, foi historia verdadeira ;
 Pois se me vísse o Medico doente,
 Julgara que eu descia rectamente.

XLI.

O prégo não obstante, que offendido,
 Quiz ver se do perigo a trós me escapa ;
 E para me suster compadeçido,
 Nas costas se pegou da minha capa :
 Mas na força em que eu hia despedido
 Ella de baixo affima se esfarrapa,
 De forte, que se a caso não tivera
 Hum só cabeçaõ, duas parecerã.

XLII.

Havia cá na logea huma calçada,
 Que doida da minha desventura,
 Cama me offereceo, mas não agrada
 Alaã do seu Colchaõ por muito dura :
 Ergui-me, e dei na porta huma marrada,
 Por levar a cabeça mal segura,
 Mas não com frenezi, que desconheça
 Que me davaõ as festas na cabeça.

XLIII.

Sahi, e pouco tempo tinha andado,
 Sem, que o Ceo grossa chuva despedisse,
 Que parece, que estava aparelhado,
 Para molhar-me a penas eu sahisse :
 Se fugia das agoas do telhado,
 Que a cabeça me enchiaõ de immundiçe,
 Pregava as minhas meias de passeio,
 No rio, que corria pello meio.

XLIV.

Depois que o pescador cauto rodêa
 Com a rede miuda o pégo ondozo,
 Vai lançando a Tarrafa sobre a arêa,
 Que está dentro do circulo enganoso:
 O Peixe quem cercou aprizaõ fêa,
 Fugindo da Tarrafa temoroço,
 Vai metter se nas linhas do tresmalho:
 Similhante fui eu no meu trabalho.

XLV.

Cheguei onde começa humna corrente
 A descer quebra-costas despenhada,
 A qual vinha gritando fortemente,
 Que me havia fazer mudar a estrada:
 Porém como eu prezumo de valente,
 Metti-me, mas em ora desgraçada;
 Porque era lá no meio tal o orgulho,
 Da agoa, que eu fui abaixo de mergulho.

XLVI.

De tombos enrolado na batina
 Toquei inda hum degráo do infame beco,
 Ese alli me não pego a huma esquina,
 Vou dar as boas festas a Luiz secco:
 Deste modo livreí da fatal ruina,
 E venci do regato o embeleco;
 Porém em seu despique o tal regato
 Me roubou hum barrete, e hum sapato.

XLVII.

Coxo com hum pé nú, e outro calçado
 Pronegui lentamente o meu caminho;
 Porém nunca a sentir o desgraçado,
 Pé em parte, que não houvesse espinho:
 Finalmente por frio, e pormulhado
 Entrei batendo o dente no meu ninho,
 Não taõ acautellado, que não esta
 O miseravel pé por huma greta.

XLVIII.

XLVIII.

Couro , e cabello leva a taboa horrenda ,
 Mas de romper a meia mais me offendo ;
 Porque por si o couro se remenda ,
 E a meia , nem ficou para remendo :
 Depois que dezenalho o pé da fenda
 Dispo as roupas molhadas , e tremendo
 Palpei pelo capote , porém nada
 Encontrei te nao huma canellada.

XLIX.

Eis aqui me doeu logo o cabello :
 Procurei , fuzil , isca , e pederneira ,
 E facudi do lapidozo vello
 A's pancadas á lucida fogueira :
 Communicado o lume do amarelo
 Enxofre ao algodaõ , e á casa inteira ,
 Tal avi , que jurei por vida miuha ,
 Que andou o diabo em casa da Alfaciuha.

L.

Na Meza por miuda anatomia
 Tal era a divisaõ dos me mbros laços ,
 Que a taboa mais inteira que eu lhe via ,
 Estava devedida em tres pedaços :
 Da cadeira miserrima jazia
 Aqui toboa , alli pernas , além braços :
 Era prova evidente de agudeza ,
 Saber qual foi cadeira , ou qual foi meza.

LI.

Naõ foi em mais pedaços dividido
 O carro de timbres , quando Phaetonte
 A couces , e a pinotes despedido ,
 Vinha a tompos mediando o horizonte :
 Naõ he de crer , que fosse reduzido
 A menores porçoens o moço infonte ,
 Que em tomos espalhou a feiticceira ,
 Do que a Meza , e antiquissima cadeira

LII.

Mas nada senti tanto como vendo,
 Que abalou o capote, e taõ valentes
 Golpes me dava o frio, que eu a tremendo
 Tocava castanholas com os dentes:
 E daqui me ficou, segundo entendo,
 Inchacaõ ás Muzas eloquentes;
 Porque com a paixãõ daquelle dia
 concebi certa especie de mania.

LIII.

Mal haja o maganaõ (clamei irado)
 Que me veio metter em tal jornada
 Para me ver agora despoja do
 Do capote no tempo da geada:
 Naõ bastava eu ter já apanhado
 Nas costas, e depois cahir na escada
 Molhar-me, e enlamiar-me com tal frio,
 E d r quatro boleos dentro no rio.

LIV.

Era perda menor perder a pelle,
 Que a perda do capote, em que hoje caio:
 Triste de mim? que conta hei de dar delle
 A meu pai quando for em Maio?
 Temo, que o triste velho se arrepele,
 Que lhe dê com paixãõ algum desmaio;
 Mas, mais que tudo temo, que me bote
 Hum arrocho no sitio do capote.

LV.

Porém para que estou batendo o dente,
 E exercitando em vaõ a voz queixoza!
 Vou-me deitar na Cama, e lá mais quente,
 Cuidarei na desculpa mentiroza:
 Indo pegando na candêa ardente,
 Vi lançada no chaõ a bulla annoza,
 Que na casa deixei quando sahia,
 Para rol dos Irmãos de confraria.

LVI.

LVI.

Imaginei achar hum Kalendario
 Maior que o da fiza da Cidade ,
 Mas porém succedeo tanto ao contrario ,
 Que não havia lá hum só confrade :
 Ninguem mais escreveu do que o vofario
 Ladrão , que me roubou sem piedade ;
 Hum letreiro , que em ser tremulo , e breve ,
 Mostrava ser ladrão o Author que teve.

LVII.

Dize (este era o letreiro) que te importa
 Andar como mendigo de fatias
 Vagando de huma porta em outra porta
 Recebendo incivís descortezias ?
 Hum se nega de ti , outro se exhorta
 Que os amigos não entraõ nestes dias
 Eu não vejo , que seja a intenção sua
 Outra alguma senão porte na rua

LVIII.

Mas como andar por portas diligente
 He cousa para ti de tanto agrado ,
 Hasde ficar sem duvida contente ,
 Vendo-te dos bens todos despojado :
 Vá commigo o capote em continente ,
 E seja tudo o mais logo quebrado :
 Fique o homem por portas com verdade ,
 Que nisso lhe fazemos avontade.

LIX.

Eu lendo tal , jurei que carrapatos
 Me deixassem os olhos carcomidos :
 Pedras trouxesse sempre nos çapatos ,
 E pulgas , a saltar-me nos ouvidos :
 Nas ventas me fizessem ninho os ratos ;
 Meus manjares em fel fossem cuzidos ,
 Entre as unhas tivesse mil arestas ,
 Se eu mais tornasse a dar as boas festas

F I M.